

POR ONDE AQUELE RIO CORRE



TÍTULO

*Por Onde Aquele Rio Corre –
A História de Sete Irmãos no Congo Que Foi Belga*

AUTOR

Sílvio A. Abrantes

© Autor e Guerra e Paz, Editores, Lda., 2021
Reservados todos os direitos

*A presente edição não segue a grafia
do novo acordo ortográfico.*

REVISÃO

Ana de Castro Salgado e Inês Figueiras

DESIGN DE CAPA E PAGINAÇÃO

Ilídio J.B. Vasco

ISBN: 978-989-702-607-2

DEPÓSITO LEGAL: 478994/21

1.ª EDIÇÃO: Fevereiro de 2021



VASP – DISTRIBUIDORA DE PUBLICAÇÕES, S. A.
Venda Seca – Aqualva / Cacém
TEL.: 214 337 000 | www.vasp.pt



GUERRA E PAZ, EDITORES, LDA.
R. Conde de Redondo, 8–5.º Esq.
1150-105 Lisboa
Tel.: 213 144 488 / Fax: 213 144 489
E-mail: guerraepaz@guerraepaz.pt
www.guerraepaz.pt

A HISTÓRIA DE SETE IRMÃOS NO CONGO QUE FOI BELGA

POR ONDE
AQUELE RIO
CORRE

SÍLVIO A. ABRANTES

NÃO-FICÇÃO · HISTÓRIA

Ao Toneca (1946–2018)

Dedico este livro ao meu estimado e sempre sorridente primo Toneca (António Joaquim Morais Abrantes), nascido em Coquilhatville. Partiste cedo demais e de repente. Às vezes falávamos deste empreendimento, e eu nunca mais o tinha pronto. «Nós esperamos pacientemente», dizias. Demorei demasiado tempo, já não chegaste a vê-lo. Desculpa. E também ao Jorge, Vítor Carlos, Zé Tó, Vitó e Rui, meu irmão e meus primos de Stanleyville e Léopoldville. Éramos sete, tantos quantos os irmãos, nossos pais, que há mais de sessenta anos demandaram as tropicais terras por onde aquele rio corre.

ÍNDICE

PREÂMBULO	11
1 – ANTES DA AVENTURA	15
2 – ANTÓNIO	26
3 – ILÍDIO	92
4 – AMÍLCAR	116
5 – VIRGÍLIO	172
6 – SÍLVIO	250
7 – JOSÉ CARLOS	263
8 – LENA	280
9 – DEPOIS DA AVENTURA	306
TOPONÍMIA COLONIAL E ACTUAL	315
DATAS-CHAVE NA HISTÓRIA DO CONGO	317
ABRUNHOSENSES E CÔNJUGES NO CONGO BELGA/RDCONGO/ZAIRE	319
FONTES E REFERÊNCIAS	323
ÍNDICE REMISSIVO	329

PREÂMBULO

Vivi três anos da minha infância no Congo Belga. O meu irmão, quase todos os meus primos e alguns amigos da minha aldeia natal – e de outras vizinhas – nasceram lá. Dos poucos que, na aldeia, nos anos 60 e princípios de 70 do século passado, prosseguiram estudos depois da escola primária, a maior parte tinha estado no Congo e, em menor número, na Venezuela. Em relação às outras aldeias do concelho de Mangualde, éramos muitos, só comparáveis em número aos da própria vila.

Em minha casa e nas dos outros, os objectos decorativos de origem africana abundavam, desde quadros na parede a peças em marfim. «Veio do Congo», era o que ouvia frequentemente da minha mãe, mesmo alguns anos depois do seu regresso, ao referir-se a um dado utensílio de cozinha ou a um certo tecido ou tesoura. Recordo-me, pessoalmente, com um sentimento inerentemente doce, das pequenas latas cilíndricas metálicas do chocolate líquido *Côte d'Or* que, em criança, gostava de barrar e comer no pão. E da *grenadine*.

Esta envolvência de várias famílias da aldeia com o Congo Belga era comum e natural. Era, se não banal, pelo menos vulgar ouvir falar de Léo, de Coq, de Stanleyville, de Matadi, de Mobutu. Sabia-se que aquela África tinha sido uma experiência compensadora para todos, e a segunda geração, os filhos, disso beneficiavam. Notava-se. Ouviam-se, aqui e ali, pequenas histórias de uns e outros. Contava-se

a cena engraçada de um ter de subir para um banco, ouvia-se o episódio da portuguesa no mato que tinha vergonha, ou da que em Portugal criava um ajuntamento à sua volta. Ou então era o Bogart e a Hepburn. Um de nós até se tinha tornado mercenário em África e, sob Schramme, lutado no Congo.

Acresce que... Acresce que havia, ou melhor, houve Scott e Amundsen e, mais tarde, Shackleton. E também, mas sem o frio polar, Speke, *Sir* Richard Burton, Livingstone e Stanley, mais os programas da BBC sobre as explorações geográficas do século XIX e os artigos da *National Geographic*.

Então, havendo gente, ali na aldeia e na família, que tinha vivido e trabalhado naqueles lugares tropicais, lugares «exóticos», não seria de preservar as suas memórias? A aventura congoleza dos mais próximos, da família, não merecia ficar registada? Aquelas experiências, aquelas vivências, não dariam um livro? Davam, com certeza. Assim, passados uns anos, entre 1983 e 1986, era eu um jovem de cerca de 30 anos, resolvi – antes que fosse tarde – gravar em cassetes áudio as recordações de África da minha mãe e dos meus tios. Podia ser que um dia as aproveitasse.

As cassetes foram ficando esquecidas, o tempo foi passando, até que, uns trinta anos depois – trinta anos! –, transferei as gravações para CD, um formato mais facilmente manuseável para transcrição. E conversei na aldeia com alguns dos já poucos «aventureiros» sobreviventes. Entretanto, com muita intermitência, ia-me documentando, fazendo pesquisas e acumulando informação histórica suplementar.

Mas os CD e as conversas também não tiveram uso imediato... Até há pouco tempo, quando, finalmente livre de ocupações profissionais, resolvi de uma vez por todas meter mãos à obra, a esta obra. Já tardava e demorou demasiado tempo.

Tanto tempo que agora, nos tempos «correctos» que correm, falar da vida de colonos numa colónia não será, provavelmente, uma boa ideia, a ideia «correcta». E menos ainda se o ponto de vista for eurocêntrico ou, neste preciso caso, lusocêntrico. Mas... poderia ser de outra maneira realmente? Deverá manipular-se o passado destas pessoas observando-o com os olhos de hoje? Nenhum dos protagonistas

carregou o «fardo do homem branco», nem eles souberam alguma vez o que isso é ou significa. Viveram a sua época, o tempo do seu presente e não o tempo do seu futuro.

Muitas localidades e ruas mudaram o seu nome colonial. O livro inclui, por isso, um pequeno glossário toponímico no fim. No conjunto de anexos, são também apresentadas as principais datas históricas do Congo, bem como uma lista exaustiva dos meus congolenses e seus cônjuges que lá nasceram, viveram ou trabalharam.

Devo agradecer. Em primeiro lugar, à minha mãe – a Lena do livro – e aos meus tios António, Ilídio, Amílcar, Virgílio e Lúcia, pelas gravações em cassete de há mais de trinta anos. Sem esses registos antigos o conteúdo deste livro seria incomensuravelmente mais pobre. Em segundo, aos meus tios José Carlos e Sílvio, pelos relatos escritos e conversas neste presente século. Ao meu tio homónimo, agradeço, em particular, o notável mapa do Congo Belga, de 120 x 90 cm, à escala 1:2 500 000, que me ofereceu – e que usei na p. 113 para localizar Biondo. Pela descrição, um igual terá sido utilizado pelo jornalista Tim Butcher na corajosa viagem que descreve no seu livro *Rio de Sangue* (2009). Agradeço igualmente aos «velhos» africanistas de Abrunhosa do Mato que gostosamente me relataram as suas experiências congolenses, nomeadamente a António da Costa Morais, Albino Domingos «Carácter», Adelino Oliveira e Manuel Ribeiro Cruz. Estou também agradecido à segunda geração de «congolese» – a minha – pela generosa ajuda e colaboração. Refiro-me – esquecerei alguém? – aos meus primos Vítor Carlos e Zé Tó (José António Almeida Abrantes), ao António Manuel Feliz da Fonseca, ao Tó e ao Quim Trindade, ao António Fernando André, ao casal Fernanda e António Feliz Oliveira Fonseca, à Laura Mendes Rodrigues e à Anita (Ana Maria Matoso dos Santos Amaral).

Devo dizer, por fim, que a investigação subjacente a este livro – principalmente os aspectos históricos – foi grandemente facilitada pela existência da Internet: a pesquisa *online* permitiu-me aceder à

informação mais rapidamente, embora também tenha despendido algum tempo suplementar na confrontação e comparação de fontes.

Sílvia A. Abrantes
Dezembro de 2020

1 – ANTES DA AVENTURA

Em 1482, enquanto reinava em Portugal D. João II, o navegador Diogo Cão e os seus companheiros navegavam para sul acompanhando África quando inesperadamente notaram que uma forte corrente a bombordo os afastava da costa. Porquê? Porque estavam próximos da embocadura de um rio de elevado caudal – tão elevado que lhe chamaram rio Poderoso e, mais tarde, rio Zaire. Naturalmente se dirigiram àquela terra desconhecida. Aí perto erigiram um padrão de pedra e depois foram subindo o rio. Ao chegarem às quedas de Ielala, que ficam a uns 150 quilómetros da foz, perto da actual Matadi, tiveram de parar. Antes de voltarem para trás e para atestarem a presença lusa naquele lugar gravaram em pedra, nas rochas lisas da margem esquerda, as chamadas «Inscrições de Ielala» («Aqui chegaram os navios do esclarecido rei D. João II de Portugal»). As gravuras ainda hoje existem e são uma atracção turística.

Os navegadores portugueses, os primeiros europeus no Baixo Congo, voltariam àquelas terras e iriam manter contactos com os reis do Kongo, que se converteram ao cristianismo e tomaram nomes portugueses. O mais célebre foi Afonso I, de nome africano Mvemba a Nzinga.

A presença europeia limitava-se à costa africana, o suficiente, contudo, para o surgimento do intenso tráfico de escravos para as Américas. A «mercadoria» era fornecida pelos traficantes árabes ou

arabizados, que há muito dominavam esse comércio no interior do continente.

Vários séculos se passaram desde então.

Potências europeias como Portugal, Espanha, França e Inglaterra tinham colónias noutras paragens do planeta, resultantes das viagens marítimas de antanho, e não davam importância às suas de África, que praticamente só serviam para lhes fornecer escravos negros. A situação mudou na segunda metade do século XIX por influência das explorações geográficas para cartografar África e os seus rios. Ao revelarem uma *terra incognita* tropical e equatorial, desconhecida dos europeus, impulsionaram uma corrida ao domínio de território por esses e outros países, que até essa altura não tinham penetrado a fundo no que veio a ser designado por «Continento Negro». Só então se começaram a interessar por ele como fonte de matérias-primas.

A expedição geográfica mais importante e com mais consequências foi a épica travessia do continente desde o Índico até ao Atlântico, liderada pelo jornalista e explorador galês-americano Henry Morton Stanley. Depois de ter encontrado o desaparecido Dr. David Livingstone em Ujiji, na margem oriental do lago Tanganica, em 10 de Novembro de 1871 – ficou para a posteridade a frase: «*Dr. Livingstone, I presume?*» –, Henry Stanley empreendeu uma nova expedição, em 17 de Novembro de 1874, financiada pelos jornais *The New York Herald*, americano, e *The Daily Telegraph*, inglês. Partindo de Zanzibar, no Índico, como era habitual, com três europeus apenas e cerca de 300 zanzibaritas, chegou à foz do rio Congo em 12 de Agosto de 1877 depois de um feito inédito que teria enorme e jubilatória repercussão pública – ter encontrado («descoberto») esse rio no coração de África – provando que afinal seria a continuação do rio Lualaba, antes pensado como nascente do Nilo – e tê-lo descido ao longo de todo o seu curso navegável de quase 2 mil quilómetros, ou seja, desde as cataratas de Stanley, onde agora está Kisangani, até às cataratas de Livingstone, onde agora está Kinshasa. Chegou aqui em Março de 1877 e, por causa dos rápidos, a sua expedição foi obrigada a prosseguir por terra em direcção à foz.

No início de Agosto de 1877, Henry Stanley e os 114 acompanhantes que lhe restavam já estavam muito próximos de Boma. Situada a